

DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA, POÉTICA E MEMÓRIA EM TEMPOS ANTIGOS

Rossana Pinheiro-Jones

Desde que o orador romano Cícero atribuiu a Heródoto o epíteto de “pai da História”, ele não deixou de ser assim referido, e isso, talvez, por ter sido o primeiro, no século V a.C, a ter formulado um método de investigação historiográfico. Com Histórias, Heródoto procurou dar aos homens e suas ações a imortalidade garantida aos heróis da poesia épica homérica. A Odisséia de Homero já foi interpretada como uma ode à memória e alerta ao perigo do esquecimento. Da mesma forma, as Histórias teriam surgido com o intuito de registrar para a posteridade os feitos de helenos e bárbaros em guerra. E assim, a História nasceria inspirada na Poesia, naquilo que ambas tinham de desejo de imortalidade e de preservação da memória. Se a marca da condição humana era a mortalidade, e as ações passíveis de serem esquecidas, a escrita da história tornava-se a forma de salvaguardá-las para que o tempo não apagasse sua memória e existência.

Alguns séculos mais tarde, Aristóteles definiu a Poética em oposição à História, em uma primeira tentativa de separar os dois campos. Em A poética (350 a.C), o filósofo grego argumentou que ações particulares eram próprias ao universo histórico, enquanto a Poética buscava a universalidade daquilo que dizia respeito a todos os homens. Ademais, enquanto a Poética tinha como função apresentar o que poderia ter sido, ao historiador cabia relatar o que havia acontecido. Desta forma, a escrita da história nasceu em estreita relação com a memória e o esquecimento, perpassada pela consciência da mortalidade humana e de um tempo que tudo destrói. E embora tenha sido influenciada pela Poética em seu nascedouro, com o passar do tempo, separou-se daquela que a inspirara.

Com a ascensão do cristianismo, o estatuto da História como registro de eventos dignos de serem imortalizados não desapareceu. Tampouco se distanciou da memória, constituindo-se como uma forma de proteger homens e ações do esquecimento. Foi assim, por exemplo, que Idácio de Chaves, cronista do século V d.C, apresentou seu empenho em relatar as invasões bárbaras e o colapso da administração imperial romana na Península Ibérica. Para Idácio, dar uma memória aos acontecimentos justificava a escrita de sua Crônica (c.469), perceptível na tarefa de continuar a obra cronística de Jerônimo, um de seus predecessores mais eminentes. Por outro lado, a tradição lançava a memória rumo ao futuro, quando Idácio convidava seus sucessores a completarem sua crônica.

Algo semelhante pode ser visto em uma obra considerada o modelo de escrita da história para autores medievais e renascentistas como Otto de Freising e Maquiavel. Em História apologética, Paulo Orósio argumentou que o saque de Roma de 410 não poderia ser atribuído à cristianização do Império Romano, como se os deuses, irados com a conversão do Império, tivessem permitido a destruição da Cidade Eterna. Orósio retomou a história das guerras, mas atribuiu-lhe um elemento novo ao considerar que seu fundamento poderia ser encontrado no pecado original. Desta forma, um evento particular e único como o saque de Roma encontrava sua razão de ser em algo universal. Ainda assim, para Orósio, seriam o esquecimento e a ignorância do fundamento da história o que levaria seus contemporâneos ao erro de atribuírem um passado glorioso a Roma em contraposição a um presente de miséria. Um erro, diria, oriundo da leitura de poetas gregos e latinos. Mais uma vez, o estudo da história ganhava importância na relação que mantinha com a memória, uma vez que sua escrita surgiria

PINHEIRO-JONES, R. Diálogos entre História, Poética e Memória em tempos antigos. Escrita da História e Literatura. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 01 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



da necessidade de lembrar de um passado esquecido ou ignorado no presente, o que permitiria um futuro de salvação.

Embora existam elementos comuns entre a escrita de história antiga e medieval, nos primeiros séculos cristãos houve uma mudança importante: a entrada da universalidade no âmbito da história humana. Ainda que estes historiadores continuassem a escrever sobre guerras, uma história sagrada ganharia espaço e uma perspectiva salvacionista e universal transformaria a especificidade atribuída por Aristóteles à História. A história era não só revelada e relatada, mas interpretada para além de seu sentido literal. Assim, historiadores medievais retomaram elementos importantes da escrita da história antiga como o uso da retórica, e atribuíram novas camadas para a relação que a escrita da história mantinha com a preservação da memória e a imortalização dos feitos humanos. Finalmente, várias formas de escrita da história foram praticadas, tais quais a cronística, a história e a hagiografia, para destacar três delas. Com isso, os medievais forneceram instrumentos importantes para a constituição da historiografia contemporânea muito mais do que estamos acostumados a admitir.

Para saber mais

KEMPSHALL, Matthew. **Rhetoric and the writing of history**. 400-1500. Manchester University Press, 2011.

PINHEIRO-JONES, Rossana. **Escrever a história e cultivar a memória cristã**: sobre a cristianização da Península Ibérica nos séculos V e VI. Editora Appris, 2019.

WARD, O. “‘**Chronicle**’ and ‘**History**’: the medieval origins of postmodern historiographical practice?”. In: *Parergon*, 14, 2, 1997, p. 101-128.

PINHEIRO-JONES, R. Diálogos entre História, Poética e Memória em tempos antigos. Escrita da História e Literatura. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>. Acesso em 01 de Abril de 2022.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

